

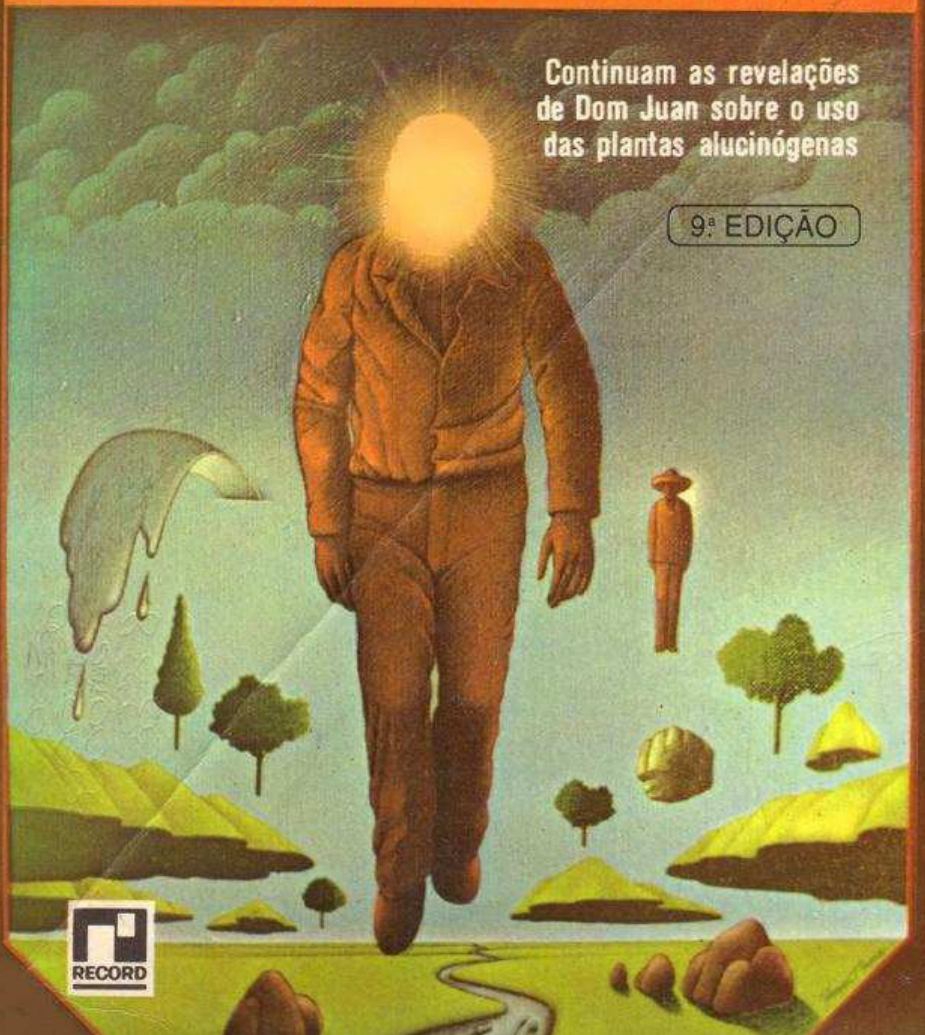
CARLOS CASTANEDA

Autor de **A ERVA DO DIABO**
e **VIAGEM A IXTLAN**

UMA ESTRANHA REALIDADE

Continuam as revelações
de Dom Juan sobre o uso
das plantas alucinógenas

9ª EDIÇÃO



<http://groups.google.com.br/group/digitalsource/>

Carlos Castaneda

**UMA ESTRANHA
REALIDADE**

Tradução de LUZIA MACHADO DA COSTA

9ª EDIÇÃO



EDITORA RECORD

Título original norte-americano **A SEPARATE REALITY**

Copyright (C) 1971 by Carlos Castaneda

Direitos de publicação exclusiva em língua portuguesa
adquiridos pela

DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S. A. Rua
Argentina 171 - 20921 Rio de Janeiro, RJ

que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

Índice

INTRODUÇÃO

PRIMEIRA PARTE

As PRELIMINARES DE "VER"

SEGUNDA PARTE

O TRABALHO DE "VER"

EPÍLOGO

Introdução

Há dez anos, tive a felicidade de conhecer um índio yaqui do Noroeste do México. Eu o chamo "Dom Juan". Em espanhol, *don* é um título usado para demonstrar respeito. Conheci Dom Juan por um acaso total. Estava sentado com Bill, um amigo meu, numa estação rodoviária numa cidade de fronteira do Arizona. Estávamos muito calados. Era de tardinha, e o calor parecia insuportável. De repente, ele se debruçou e bateu em meu ombro.

— Lá está o homem sobre quem lhe falei — disse ele, em voz baixa. Fez um sinal para a entrada, Um velho tinha acabado de entrar.

— O que foi que você me contou a respeito dele? — perguntei.

— É o índio que sabe a respeito do peiote. Lembra-se?

Lembrei-me de que eu e Bill certa vez tínhamos passado o dia todo rodando de carro, procurando a casa de um índio mexicano "excêntrico" que morava no lugar. Não encontramos a casa do sujeito e eu tinha a impressão de que os índios a quem havíamos pedido informações tinham-nos enganado de propósito. Bill me dissera que o homem era um *yerbero*, pessoa que coleta e vende ervas medicinais, e que ele sabia muita coisa sobre o cacto alucinógeno, o peiote. Disse ainda que valia a pena para mim conhecê-lo. Bill era meu guia no Sudoeste, na minha coleta de informações e espécimes de plantas medicinais usadas pelos índios da região.

Bill levantou-se e foi cumprimentar o homem. O índio tinha estatura mediana. Seus cabelos eram brancos e curtos e um pouco caídos sobre as orelhas, acentuando a redondeza de sua cabeça. Ele era muito moreno; as rugas profundas de seu rosto lhe davam uma aparência de idade, e no entanto seu corpo parecia ser forte e sadio. Fiquei olhando para ele por um momento. Movia-se com uma agilidade que eu teria julgado impossível para um velho. Bill me fez sinal para aproximar-me.

— Ele é um bom sujeito — falou. — Mas não consigo entendê-lo. O espanhol dele é esquisito, cheio de idiomatismos rurais, imagino.

O velho olhou para Bill e sorriu. Meu companheiro, que só fala algumas palavras de espanhol, inventou uma frase absurda naquela língua. Olhou para mim, como que perguntando se estava fazendo sentido, mas eu não sabia o que ele queria dizer; então, ele deu um sorriso encabulado e afastou-se. O velho olhou para mim e começou a rir. Expliquei-lhe que meu amigo às vezes se esquecia de que não sabia falar espanhol.

— Acho que também se esqueceu de nos apresentar — falei, e disse meu nome.

— Sou Juan Matus, às suas ordens — disse ele. Apertamo-nos as mãos e ficamos calados por um momento.

Rompi o silêncio e contei-lhe sobre meu trabalho. Disse-lhe que estava à procura de qualquer tipo de informação sobre plantas, especialmente o peiote. Falei de maneira forçada por muito tempo e, embora fosse quase totalmente ignorante naquele assunto, disse que sabia muita coisa sobre a erva. Pensei que, se eu me gabasse de meus conhecimentos, ele poderia interessar-se e conversar comigo. Mas o velho não disse nada. Ficou escutando, pacientemente. Depois, meneou a cabeça, devagar, e olhou bem para mim. Os olhos dele pareciam brilhar com uma luz própria. Desviei o olhar. Estava encabulado. Tinha a certeza de que, naquele momento, ele sabia que eu estava dizendo tolices.

— Venha à minha casa um dia desses — disse ele, por fim, desviando o olhar. — Talvez lá possamos conversar mais à vontade.

Eu não sabia mais o que dizer. Estava constrangido. Decorrido algum tempo, Bill voltou. Reparou na minha perturbação e não disse nada. Ficamos ali sentados, calados, por certo tempo. Depois, o velho levantou-se.

O ônibus dele tinha chegado. Despediu-se.

— Não se saiu muito bem, não é? — perguntou Bill.

— Não.

— Perguntou a ele a respeito das plantas?

— Perguntei. Mas acho que disse besteira.

— Já lhe disse, ele é muito excêntrico. Os índios aqui o conhecem e, no entanto, nunca falam dele. Isso já é alguma coisa.

— Mas ele me convidou, para ir à casa dele.

— Ele não estava falando sério. Claro, pode ir à casa dele, mas o que quer isso dizer? Nunca lhe adiantará coisa alguma. Se você lhe perguntar alguma coisa, ele vai-se fechar em copas, como se você fosse um idiota falando asneiras.

Bill disse, com ar convincente, que já tinha conhecido gente como ele, que dava a impressão de saber muita coisa. Na opinião dele, essa gente não valia a pena cultivar, pois, mais cedo ou mais tarde, podia-se obter as mesmas informações de outras pessoas que não eram tão difíceis. Falou que não tinha nem tempo nem paciência com velhos decrepitos, e que era bem possível que o velho apenas fingisse saber a respeito das ervas, quando, na verdade, só sabia pouca coisa.

Bill continuou a falar, mas eu não estava escutando. Só pensava no velho índio. Ele sabia que eu estava blefando. Lembrei-me dos seus olhos. Tinham brilhado mesmo.

Voltei para vê-lo uns dois meses depois, não tanto como estudante de antropologia interessado em plantas medicinais, mas como uma pessoa com uma curiosidade inexplicável. A maneira como ele me olhara fora um fato sem precedentes em minha vida. Queria saber o que significava aquele olhar. Aquilo tornou-se quase uma obsessão para mim. Pensei naquilo, e quanto mais pensava, mais estranho me parecia.

Dom Juan e eu nos tornamos amigos, e durante um ano eu o visitei inúmeras vezes. Achava o jeito dele muito tranquilizador e seu senso de humor magnífico; mas, acima de tudo, achava que havia em seus atos uma coerência muda, uma harmonia que para mim era completamente inexplicada. Em sua presença, eu sentia um prazer estranho e, no entanto, também sentia um inexplicável desconforto. A simples companhia dele me obrigava a fazer uma tremenda reavaliação de meus padrões de comportamento. Eu tinha sido criado, talvez como todo mundo, para estar pronto a aceitar o homem como sendo essencialmente uma criatura fraca e falha. O que me impressionava em Dom Juan era o fato de ele não fazer questão de ser fraco e indefeso, e só de estar perto dele eu sentia uma comparação desfavorável entre o seu comportamento e o meu. Talvez uma das declarações mais impressionantes que me tenha feito naquela ocasião tenha sido a respeito de nossa diferença inerente. Antes de uma de minhas visitas, estava-me sentindo muito infeliz com o aspecto geral de minha vida e com vários sérios conflitos pessoais que eu tinha. Quando cheguei à casa dele, sentia-me irritado e nervoso.

Estávamos conversando a respeito de meu interesse pelo conhecimento; mas, como sempre, estávamos em setores diferentes. Referia-me ao conhecimento acadêmico que transcende a experiência, enquanto ele falava do conhecimento direto do mundo.

— Sabe alguma coisa do mundo que o rodeia? — perguntou.

— Sei muitas coisas diferentes — respondi.

— Quero dizer, sente o mundo em volta de você?

— Sinto tanto do mundo em volta de mim quanto posso.

— Isso não basta. Tem de sentir tudo, senão o mundo perde o sentido.

Rebati com o argumento clássico, dizendo que não era preciso provar a sopa para saber a receita, nem levar um choque elétrico para saber a respeito da eletricidade.

— Você faz a coisa parecer estúpida — disse ele. — Em minha opinião, quer agarrar-se a seus argumentos, a despeito do fato de eles não lhe darem nada; quer continuar assim, mesmo às custas de seu bem-estar.

— Não sei de que está falando.

— Estou falando do fato de que você não é completo. Não tem paz,

Aquela declaração me aborreceu. Ofendi-me. Achei que ele certamente não estava em condições de julgar meus atos nem minha personalidade.

— Você está atormentado por problemas — disse ele, — Por quê?

— Sou apenas um homem, Dom Juan — respondi, irritado. Fiz aquela declaração do mesmo jeito que meu pai costumava fazer. Sempre que ele dizia que era apenas um homem, implicitamente queria dizer que era fraco e indefeso; e a declaração dele, como a minha, era cheia de um sentido final de desespero.

Dom Juan ficou olhando para mim como tinha olhado da primeira vez que nos encontramos.

— Pensa demais em si — disse ele, sorrindo. — E isso lhe dá um cansaço estranho, que o leva a fechar o mundo em volta de si e se agarrar a seus argumentos. Por isso, só tem problemas. Também sou apenas um homem, mas não digo isso do mesmo jeito que você.

— Como é que o diz?

— Venci meus problemas. É uma pena que minha vida seja tão curta que eu não me possa agarrar a todas as coisas de que gostaria. Mas isso não é um problema; é só uma pena.

Gostei do tom de sua declaração. Não havia nela desespero nem autocomiseração.

Em 1961, um ano depois de nosso primeiro encontro, Dom Juan me revelou que ele tinha um conhecimento secreto das plantas medicinais.

Disse-me que era um *brujo*. Esta palavra espanhola pode ser traduzida por feiticeiro ou curandeiro. Desse momento em diante, as relações entre nós se modificaram; tornei-me seu aprendiz e, durante os quatro anos que se seguiram, procurou ensinar-me os mistérios da feitiçaria. Escrevi sobre esse aprendizado em *Os Ensinamentos de Dom Juan; Um Método Yaqui do Conhecimento*.

Conversávamos em espanhol e, graças ao notável domínio daquela língua por parte de Dom Juan, consegui explicações detalhadas dos significados complexos de seu sistema de crenças. Refiro-me a esse cabedal de conhecimentos complexo e bem sistematizado pelo termo de feitiçaria, e dou-lhe o nome de feiticeiro, porque eram termos que ele próprio usava em conversas íntimas, No contexto de elucidações mais sérias, porém, ele usava os termos "conhecimento" para significar a feitiçaria e "homem de conhecimento" ou "aquele que sabe" para designar um feiticeiro.

A fim de ensinar e corroborar seu conhecimento, Dom Juan utilizava três plantas psicotrópicas bem conhecidas: o peiote, *Lophophora williamsii*; estramônio, *Datura inoxia*, e uma espécie de cogumelo pertencente ao gênero *Psilocybe*. Pela ingestão separada de cada um desses alucinógenos, ele produzia em mim, como seu aprendiz, alguns estados especiais de percepção destorcida, ou de consciência alterada, que denominei "estados de realidade não comum". Usei a palavra "realidade", porque era uma premissa básica no sistema de crenças de Dom Juan que os estados de consciência provocados pela ingestão de qualquer daquelas três plantas não eram alucinações, e sim aspectos concretos, embora não comuns, da realidade da vida quotidiana. Dom Juan comportava-se para com esses estados de realidade não comum não "como se fossem" reais, mas como "sendo" reais.

Classificar essas plantas como alucinógenas e os estados que elas provocavam como realidade não comum, obviamente, foi um artifício meu. Dom Juan entendia e explicava as plantas como sendo veículos que conduziriam ou levariam o homem a certas forças impessoais, ou "poderes",

e que os estados que elas provocavam eram os "encontros" que o feiticeiro tinha de ter com aqueles poderes, a fim de conseguir controle sobre eles.

Ele chamava o peiote de "Mescalito" e explicava-o como sendo um mestre benevolente e protetor dos homens. Mescalito ensinava a "maneira certa de viver". O peiote geralmente era ingerido em reuniões de feiticeiros, chamadas "mitotes", onde os participantes se reuniam especificamente para procurar uma lição sobre a maneira certa de viver.

Dom Juan considerava o estramônio e os cogumelos poderes de um tipo diverso. Chamava-os "aliados" e dizia que eram passíveis de ser manipulados; um feiticeiro, na verdade, conseguia sua força manipulando um aliado. Entre os dois, Dom Juan preferia o cogumelo. Afirmava que o poder contido no cogumelo era seu aliado pessoal e chamava-o "fuminho" ou "fumo".

O processo de Dom Juan para utilizar os cogumelos era deixá-los que secassem e se tornassem um pó fino, dentro de uma cabacinha. Conservava a cabaça fechada por um ano e depois misturava o pó fino com cinco outras plantas secas, produzindo uma mistura para ser fumada num cachimbo.

Para tornar-se um homem de conhecimento, a pessoa tinha de se "encontrar" com o aliado tantas vezes quanto possível; tinha de familiarizar-se com ele. Essa premissa significava, é claro, que a pessoa teria de fumar a mistura alucinógena freqüentemente. O processo de "fumar" consistia em ingerir o pó fino de cogumelos, que não se incinerava, e inalar a fumaça das outras cinco plantas que constituíam a mistura. Dom Juan explicou os efeitos profundos que os cogumelos tinham sobre as capacidades de percepção da pessoa como sendo o "aliado retirando seu corpo".

O método de ensino de Dom Juan exigia um esforço extraordinário por parte do aprendiz. Na verdade, o grau de participação e envolvimento necessários era tão grande que, em fins de 1965, tive de me retirar do

aprendizado. Posso dizer agora, com a perspectiva dos cinco anos que se passaram, que naquela ocasião os ensinamentos de Dom Juan tinham começado a representar uma séria ameaça para a minha "idéia do mundo". Eu tinha começado a perder a certeza, que todos temos, de que a realidade da vida quotidiana é coisa que se pode considerar normal.

Quando me retirei, estava convencido de que minha decisão era final; não queria mais ver Dom Juan. No entanto, em abril de 1968 entregaram-me um dos primeiros exemplares de meu livro e senti-me, obrigado a mostrá-lo a ele. Fui visitá-lo. Nossa ligação de mestre-aprendiz restabeleceu-se misteriosamente, e posso dizer que, nessa ocasião, comecei um segundo ciclo de aprendizado, muito diferente do primeiro. Meu medo não era tão acentuado quanto no passado. Todo o ambiente dos ensinamentos de Dom Juan era mais descansado. Ele ria e também me fazia rir muito. Parecia haver da parte dele, um propósito de reduzir a seriedade geral. Fazia palhaçadas nos momentos verdadeiramente críticos desse segundo ciclo, ajudando-me assim a dominar experiências que facilmente poderiam ter-se tornado obsessivas. A premissa dele partia do princípio de que era necessário um temperamento leve e dócil para poder suportar o impacto e a estranheza dos conhecimentos que ele me ensinava.

— O motivo por que você se assustou e largou tudo foi estar-se sentindo muito importante — disse ele, para explicar minha desistência anterior. — A sensação de importância faz a pessoa sentir-se pesada, desajeitada e vaidosa. Para ser um homem de conhecimento, ela tem de ser leve e fluida.

O interesse especial de Dom Juan nesse segundo ciclo de aprendizado foi ensinar-me a "ver". Aparentemente, no seu sistema de conhecimento havia a possibilidade de estabelecer-se uma diferença semântica entre "ver" e "olhar" como duas maneiras distintas de perceber. "Olhar" referia-se a qualquer maneira comum em que estejamos acostumados a perceber o mundo, enquanto "ver" encerra um processo muito complexo, em virtude do

qual um homem de conhecimento supostamente percebe a "essência" das coisas do mundo.

A fim de apresentar as complexidades desse processo de aprendizagem de maneira legível, condensei longos trechos de perguntas e respostas, e assim tornei a redigir minhas anotações de campo. Acredito, porém, que, nesse ponto, minha apresentação não se pode desviar do significado dos ensinamentos de Dom Juan. A revisão teve em mente fazer minhas anotações serem fluentes, como uma conversa, para poderem ter o impacto que eu desejava; isto é, eu queria, por meio de uma reportagem, comunicar ao leitor o drama e o caráter direto da situação de campo. Cada setor que separei como capítulo foi uma sessão com Dom Juan. Geralmente, ele sempre terminava cada uma de nossas sessões abruptamente; assim, o tom dramático do fim de cada capítulo não é um efeito literário meu, e sim um artifício próprio da tradição oral de Dom Juan. Parecia ser um recurso *mnemônico* que me ajudava a conservar a qualidade dramática e a importância das lições.

Certas explicações, porém, são necessárias para tornar meu relato inteligível, pois sua clareza depende da elucidação de uma série de conceitos-chaves ou unidades-chaves que eu quero frisar. Esse desejo de ênfase se coaduna com o meu interesse pela ciência social. É perfeitamente possível que outra pessoa, com um conjunto diferente de objetivos e esperanças, preferisse conceitos inteiramente diversos dos que eu mesmo escolhi.

No segundo ciclo de aprendizagem, Dom Juan fez questão de me garantir que o uso da mistura do fumo era o pré-requisito indispensável para "ver". Portanto, eu tinha de usá-lo o mais freqüentemente possível.

— Só o fumo lhe pode dar a rapidez necessária para ter uma visão daquele mundo veloz — disse ele.

Com o auxílio da mistura psicotrópica, produziu em mim uma série de

estados de realidade não comum. A característica principal desses estados, em relação ao que Dom Juan parecia estar fazendo, era uma condição de "não aplicação". O que eu percebia naqueles estados de consciência alterada era incompreensível e impossível de interpretar por meio de nosso modo cotidiano de entender o mundo. Em outras palavras, a condição de "não aplicação" acarretava a cessação da pertinência de minha visão do mundo.

Dom Juan usava esse estado de não aplicação nos estados de realidade não comum a fim de apresentar uma série de novas "unidades de significado" preconcebidas. As unidades de significado eram todos os elementos isolados pertinentes ao conhecimento que Dom Juan procurava ensinar-me. Denominei-as de unidades de significado por serem o conglomerado básico de dados sensoriais e de suas interpretações, sobre o que se construía um significado mais complexo. Um exemplo de uma unidade dessas é a maneira de compreender o efeito psicológico da mistura psicotrópica. Provocava uma dormência e perda de controle motor que eram interpretadas pelo sistema de Dom Juan como um resultado motivado pelo fumo, que nesse caso era o aliado, a fim de "remover o corpo do praticante".

Unidades de significado eram agrupadas de maneira específica, e cada bloco assim criado constituía o que denominei de uma "interpretação sensata". Obviamente, tem de haver uma infinidade de possíveis interpretações sensatas pertinentes à feitiçaria que o feiticeiro tem de aprender a fazer. Em nossa vida diária, enfrentamos uma infinidade de interpretações sensatas pertinentes a ela. Um exemplo simples poderia ser a interpretação não mais propositada, que fazemos dezenas de vezes todos os dias, da estrutura que denominamos de "quarto". É óbvio que aprendemos a interpretar a estrutura que chamamos quarto em termos de quarto; assim, quarto é uma interpretação sensata porque requer que, no momento em que a fazemos, tenhamos conhecimento, de uma maneira ou de outra, de todos os elementos que entram em sua composição. Um sistema de interpretação sensata é, em outras palavras, o processo em virtude do qual um praticante toma conhecimento de todas as unidades de significado necessárias para

fazer suposições, deduções, previsões, etc, acerca de todas as situações pertinentes a sua atividade.

Por "praticante", quero dizer um participante que tem um conhecimento adequado de todas, ou quase todas, as unidades de significado relativas a seu sistema especial de interpretação sensata. Dom Juan era um praticante; isto é, era um feiticeiro que conhecia todos os passos de sua feitiçaria.

Como praticante, tentou tornar seu sistema de interpretação sensata acessível a mim. Essa acessibilidade, neste caso, era equivalente a um processo de ressocialização, em que eram aprendidos novos meios de interpretar dados perceptíveis.

Eu era o "estranho", aquele que não tinha a capacidade de fazer interpretações inteligentes e congruentes das unidades de significado próprias da feitiçaria.

O trabalho de Dom Juan, como praticante tornando seu sistema acessível a mim, consistia em dismantelar uma certeza determinada que compartilho com todo mundo, a certeza de que nossas visões "de bom senso" do mundo são definitivas. Por meio da utilização de plantas psicotrópicas, e através de contatos bem dirigidos entre o sistema estranho e eu, consegui mostrar-me que minha visão do mundo não pode ser final porque não passa de uma interpretação.

Para o índio americano, durante talvez milhares de anos, o fenômeno vago que denominamos feitiçaria tem sido uma prática séria, de boa-fé, comparável à nossa ciência. Nossa dificuldade em entendê-la, provém, sem dúvida, das estranhas unidades de significado com que lida.

Dom Juan certa vez me contara que um homem de conhecimento tem suas predileções. Pedi que ele se explicasse.

— Minha predileção é *ver* — disse ele.

— O que quer dizer com isso?

— Gosto de *ver* — respondeu — porque só *vendo* é que o homem de conhecimento pode saber.

— Que tipo de coisas você *vê*?

— Tudo.

— Mas eu também vejo tudo, e não sou um homem de conhecimento.

— Não. Você não *vê*.

— Acho que sim.

— Estou-lhe dizendo que não.

— O que o leva a afirmar isso, Dom Juan?

— Você só olha para a superfície das coisas.

— Quer dizer que todo homem de conhecimento na verdade *vê* através de tudo o que ele olha?

— Não. Não é isso o que quero dizer. Falei que o homem de conhecimento tem suas predileções; a minha é apenas ver e saber; outros fazem outras coisas.

— Que outras coisas, por exemplo?

— Sacateca, por exemplo, é um homem de conhecimento, e a sua predileção é dançar. Assim, ele dança e sabe.

— A predileção de um homem de conhecimento é alguma coisa que ele faz para saber?

— Sim, está certo.

— Mas como é que a dança pode ajudar Sacateca a saber?

— Pode-se dizer que Sacateca dança com tudo o que tem.

— Ele dança como eu? Quero dizer, como dança?

— Digamos que ele dança como eu *vejo* e não como você pode dançar.

— Ele também *vê* como você *vê*?

— Sim, mas ele também dança.

— Como é que Sacateca dança?

— É difícil explicar isso. É um jeito especial de dançar quando ele quer saber. Mas o que posso dizer a respeito é que, a não ser que você entenda os modos de um homem que conhece, é impossível falar a respeito de dançar

ou de *ver*.

— Você já o viu dançando assim?

— Já. Mas não é possível para todos os que o vêem dançando *verem* que é sua maneira especial de saber.

Eu conhecia Sacateca, ou pelo menos sabia quem ele era. Fomos apresentados uma vez e eu lhe paguei uma cerveja. Foi muito amável e disse que eu fosse à casa dele quando quisesse. Pensei muito em ir visitá-lo, mas não disse nada a Dom Juan.

Na tarde do dia 14 de maio de 1962, fui à casa de Sacateca; ele me explicara como chegar lá e não tive dificuldade em encontrá-la. Ficava numa esquina e tinha uma cerca em volta. O portão estava fechado. Dei a volta para ver se podia espiar para dentro da casa. Parecia estar deserta.

— Dom Elias — chamei.

As galinhas se assustaram e se espalharam, cacarejando furiosamente. Um cachorrinho foi até à cerca. Esperei que ele latisse para mim; mas não, ficou ali sentado, olhando-me. Tornei a chamar e as galinhas tornaram a cacarejar. Uma velha saiu da casa. Pedi que ela chamasse Dom Elias.

— Ele não está aqui — disse ela.

— Onde posso encontrá-lo?

— Ele está na roça.

— Onde, na roça?

— Não sei. Volte à tardinha. Estará aqui por volta das cinco.

— A senhora é mulher de Dom Elias?

— Sim, sou mulher dele — respondeu, sorrindo.

Tentei perguntar acerca de Sacateca, mas ela se desculpou, dizendo que não falava espanhol direito. Entrei no carro e fui embora.

Voltei a casa por volta das seis horas. Fui para a porta e gritei o nome de Sacateca. Dessa vez, ele saiu da casa. Liguei meu gravador, que, em seu estojo de couro marrom, parecia uma câmara pendurada do meu ombro. Reconheceu-me.

— Ah, é *você* — disse ele, sorrindo. — Como vai o Juan?

— Está bem. Mas como está, Dom Elias?

Não respondeu. Parecia nervoso. Aparentemente, estava muito calmo, mas senti que ele não estava à vontade.

— Juan mandou-o aqui com algum recado?

— Não. Vim por mim mesmo.

— Para quê? — A pergunta dele parecia exprimir uma surpresa bem genuína.

— Só queria conversar — disse eu, procurando parecer bem natural. — Dom Juan me contou coisas maravilhosas a seu respeito, fiquei curioso e queria fazer-lhe algumas perguntas.

Sacateca estava de pé diante de mim. Seu corpo era magro e ágil. Ele estava de calças e camisa caqui. Seus olhos estavam semicerrados; parecia estar com sono, ou talvez bêbado. A boca estava meio aberta e o lábio inferior dependurado. Vi que, ele estava respirando ofegantemente e parecia estar quase roncando. Ocorreu-me a idéia de que Sacateca estava provavelmente inconsciente, de tão bêbado. Mas essa idéia parecia muito disparatada, porque alguns minutos antes, quando ele saiu da casa, estava muito alerta e consciente de minha presença.

— Sobre o que quer falar? — perguntou, afinal.

Sua voz denotava cansaço; parecia que estava arrastando as palavras. Senti-me muito constrangido. Era como se o cansaço dele fosse contagioso e me estivesse puxando.

— Nada de especial — respondi. — Só vim aqui conversar com você, um papo amigável. Uma vez convidou-me para vir a sua casa.

— Eu sei, mas agora não é a mesma coisa.

— Por que não?

— Você não conversa com Dom Juan?

— Sim.

— Então o que quer comigo?

— Achei que talvez lhe pudesse fazer umas perguntas.

— Pergunte a Juan. Não lhe está ensinando?

— Está. Mas, mesmo assim, eu gostaria de lhe perguntar a respeito daquilo que ele me está ensinando, e de ter sua opinião. Assim, poderia saber o que fazer.

— Para que quer fazer isso? Não confia em Juan?

— Confio.

— Então por que não lhe pede que fale sobre o que quer saber?

— Eu peço, e ele me diz. Mas, se você também pudesse falar-me a respeito do que Dom Juan me ensina talvez eu entenda melhor.

— Juan pode contar-lhe tudo. Só ele pode fazer isso, Não entende isso?

— Entendo; mas eu gostaria de conversar com gente como você, Dom Elias. Não é todo dia que se encontra um homem de conhecimento.

— Juan é um homem de conhecimento.

— Sei disso.

— Então por que está falando comigo?

— Falei que vim para ser seu amigo.

— Não veio, não. Desta vez há mais. alguma coisa em você.

Queria explicar-me e só conseguia balbuciar coisas incoerentes. Sacateca não disse nada. Parecia estar ouvindo atentamente. Seus olhos estavam novamente semicerrados, mas, senti que ele estava-me espiando. Meneou a cabeça, quase imperceptivelmente. Depois, abriu as pálpebras e vi os olhos dele. Parecia estar olhando através de mim. Bateu no chão com a ponta do pé direito, logo atrás do calcanhar esquerdo. As pernas dele estava ligeiramente arqueadas; os braços, frouxos, junto do corpo. Em seguida,

levantou o braço direito; a mão estava aberta, com a palma perpendicular ao chão; os dedos estavam esticados e apontando para mim. Deixou a mão tremer um pouco antes de erguê-la até ao nível de meu tosto. Deixou-a naquela posição um momento e depois me disse algumas palavras. A voz dele estava muito clara e, no entanto, as palavras saíam arrastadas.

Depois de um momento, deixou a mão cair e ficou imóvel numa posição estranha, Estava de pé, apoiado na planta do pé esquerdo. O outro estava cruzado atrás do calcanhar do pé esquerdo e ele batia no chão ritmada e suavemente com a ponta do pé direito.

Senti uma apreensão descabida, uma espécie de agitação. Meus pensamentos pareciam estar dissociados. Estava tendo pensamentos desconexos, tolos, que não tinham nada a ver com o que se estava passando. Reparei na minha ansiedade e procurei trazer minhas idéias de volta à situação presente, mas não consegui, apesar de lutar muito. Era como se uma força me estivesse impedindo de me concentrar ou de pensar coisas de interesse.

Sacateca não dissera nenhuma palavra, e eu não sabia o que havia de fazer ou dizer mais. Automaticamente, virei-me e saí.

Mais tarde senti-me obrigado a contar a Dom Juan a respeito de meu encontro com Sacateca. Ele riu-se às gargalhadas.

— O que foi que realmente aconteceu lá? — perguntei.

— Sacateca dançou! — respondeu Dom Juan. — Ele viu você, e depois dançou.

— O que foi que ele me fez? Senti muito frio e fiquei tonto.

— Parece que ele não gostou de você, e o fez parar atirando-lhe uma palavra.

— Como é que pode fazer isso? — indaguei, incrédulo.

— Muito simples. Fê-lo parar pela vontade dele.

- O que foi que você disse?
- Fê-lo parar pela vontade dele!

A explicação não bastou. As palavras dele me pareciam besteiras. Tentei sondá-lo mais, porém não conseguiu explicar o incidente satisfatoriamente para mim.

Obviamente, aquele fato, ou qualquer outro que ocorresse dentro desse sistema estranho de interpretação sensata, só poderia ser explicado ou compreendido em termos das unidades de significado próprias daquele sistema. Esta obra, portanto, é uma reprodução, e deve ser lida como uma reprodução. O sistema que registrei era incompreensível para mim, de modo que pretender fazer outra coisa senão reproduzi-lo seria enganador e impostura. Nesse caso, adotei o método fenomenológico e procurei tratar da feitiçaria apenas como fenômenos que me eram apresentados. Eu, como perceptor, registrava o que percebia, e no momento de registra: procurava sustentar o julgamento.

PRIMEIRA PARTE

As Preliminares de "Ver"

2 de abril de 1968

Dom Juan olhou para mim por um momento e não pareceu nada espantado ao ver-me, embora se tivessem passado mais de dois anos desde que eu o visitara. Pôs a mão no meu ombro e sorriu com delicadeza, dizendo que eu estava diferente, que estava engordando e ficando mole.

Eu tinha levada um exemplar de meu livro. Sem maiores preparativos, tirei-o da pasta e o entreguei a ele.

— É um livro sobre você, Dom Juan — disse eu.

Ele o pegou e folheou como se fosse um baralho. Gostou da cor verde da capa e do tamanho do livro. Passou a capa entre as palmas das mãos e virou o livro algumas vezes e depois devolveu-o. Senti uma onda de orgulho.

— Quero que você o guarde — disse eu. Sacudiu a cabeça, rindo baixinho.

— Não acho conveniente — disse ele, e depois acrescentou, com um largo sorriso: — você sabe o que fazemos com o papel, no México.

Eu ri. Achei lindo o seu toque de ironia.

Estávamos sentados num banco num jardim de uma cidadezinha na região montanhosa do México Central. Eu não tinha tido meio algum de avisá-lo de que pretendia ir visitá-lo, mas tinha certeza de encontrá-lo, e

encontrei. Só esperei um pouquinho naquela cidade até que Dom Juan voltasse das montanhas e encontrei-o na feira, na barraca de um de seus amigos.

Dom Juan me disse, em conversa, que tu tinha chegado justo a tempo de levá-lo de volta a Sonora, e ficamos sentados no jardim esperando um amigo dele, um índio mazateca, com quem ele morava.

Esperamos umas três horas. Conversamos sobre coisas variadas e sem importância e, no fim do dia, pouco antes de chegar o amigo dele, contei-lhe alguns fatos que eu presenciara dias antes.

Na minha viagem para procurá-lo, meu carro enguiçara nos arredores de uma cidade e eu fiquei retido por lá cerca de três dias, enquanto o consertavam. Havia um motel defronte da oficina, mas os arredores de cidades sempre me deprimem, de modo que hospedei-me num hotel moderno, de oito andares, no centro da cidade.

O mensageiro me disse que o hotel tinha restaurante e, quando descii para comer, vi que havia mesinhas na calçada. Era uma arrumação bonita, numa esquina, debaixo de uma arcada baixa de tijolos, em linhas modernas. Estava fresco lá fora e havia mesas vazias, e no entanto preferi ficar dentro do hotel, onde estava mais abafado. Tinha reparado, ao chegar, que havia um grupo de engraxates sentados no meio-fio diante do restaurante e estava certo de que me perseguiriam se fosse sentar-me numa mesinha lá fora.

De onde eu estava sentado, via o grupo de garotos pela vidraça. Dois rapazes sentaram-se a uma das mesas e os garotos os rodearam, pedindo para engraxar os sapatos deles. Os rapazes recusaram e fiquei abismado ao ver que os garotos não insistiram, voltando a sentar no meio-fio. Depois de certo tempo, três homens de terno levantaram-se e os garotos correram para a mesa deles e começaram a comer as sobras de comida; em alguns segundos, os pratos estavam raspados, O mesmo aconteceu com os restos em todas as outras mesas.

Reparei que os garotos eram bastante cuidadosos; se derramavam água, enxugavam-na com seus próprios panos de engraxar. Notei, também, como eram meticulosos em seus métodos de limpeza. Comiam até os cubinhos de gelo deixados nos copos d'água e as fatias de limão do chá, com casca e tudo. Não desperdiçavam absolutamente nada.

Durante o tempo em que fiquei no hotel, descobri que havia um acordo entre os garotos e a gerência do restaurante: era permitido aos garotos ficarem no local para ganhar algum dinheiro dos hóspedes e também comer os restos, desde que não apoquentassem ninguém nem quebrassem nada. Havia onze deles ao todo, de cinco a doze anos de idade; mas o mais velho era mantido a distância do resto do grupo. Os outros o ignoravam propositadamente, provocando-o com uma cantilena de que já tinha pelos púbicos e que era muito velho para estar entre eles.

Depois de passar três dias vendo-os procurarem como abutres os mais parcos restos, fiquei muito desanimado, e saí daquela cidade achando que não havia esperança para aquelas crianças, cujo mundo já era moldado por sua luta quotidiana por migalhas.

— Tem pena deles? — exclamou Dom Juan, em tom de pergunta.

— Por certo — disse eu.

— Por quê?

— Porque me preocupo com o bem-estar de meus semelhantes. São crianças e o mundo deles é feio e vulgar.

— Espere! Espere! Como pode dizer que o inundo deles é *feio e vulgar*? — perguntou Dom Juan, fazendo pouco de minha declaração. — Você acha que sua. sorte é melhor, não é?

Respondi que sim; e ele me perguntou por quê; disse-lhe que, em comparação com o mundo daquelas crianças, o meu era infinitamente mais variado e rico de experiências e oportunidades para a satisfação pessoal e o desenvolvimento. O riso de Dom Juan era simpático e sincero. Falou que eu

não estava tendo cuidado com minhas palavras, que eu não podia saber da riqueza e oportunidade do mundo daquelas crianças.

Achei que Dora Juan estava sendo teimoso. Pensei mesmo que ele estava adotando o ponto de vista oposto só para me aborrecer. Acreditava sinceramente que aquelas crianças não tinham a menor possibilidade de desenvolvimento intelectual.

Discuti meu ponto de vista mais um pouco e então Dom Juan me perguntou, abruptamente;

— Você uma vez não me disse que, em sua opinião, a maior realização da pessoa era tornar-se um homem de conhecimento?

Eu tinha dito aquilo, e repeti que, em minha opinião, ser um homem de conhecimento era uma das maiores realizações intelectuais.

— Acha que o seu mundo muito rico algum dia o ajudaria a tornar-se um homem de conhecimento? — perguntou Dom Juan, Com um ligeiro sarcasmo.

Não respondi, e ele tornou a fazer a pergunta, de maneira diferente, coisa que sempre faço com ele quando acho que não está entendendo.

— Em outras palavras — disse ele, sorrindo abertamente, sabendo certamente que eu estava vendo seu artifício — a sua liberdade e oportunidades o ajudam a tornar-se um homem de conhecimento?

— Não! — respondi, enfaticamente.

— Então, como é que pôde ter pena daquelas crianças? — continuou ele, muito sério. — Qualquer delas pode tornar-se um homem de conhecimento. Todos os homens de conhecimento que conheço foram garotos como os que você viu comendo sobras e lambendo as mesas.

O argumento de Dom Juan deixou-me com uma sensação incômoda. Eu não tinha sentido pena daquelas crianças desprivilegiadas por não terem o que comer, mas sim porque, a meu ver, o mundo delas já as condenara a serem intelectualmente inadequadas. E no entanto, para Dom Juan qualquer delas poderia conseguir o que eu acreditava ser a epítome da realização intelectual do homem, o objetivo de ser um homem de conhecimento. Meu motivo de compaixão por elas era incongruente. Dom Juan me pilhara direitinho.

— Talvez você tenha razão — disse eu. — Mas como é que se pode evitar o desejo, o desejo sincero, de ajudar a seu semelhante?

— De que modo você acha que se pode ajudá-los?

— Aliviando a carga deles. O mínimo que se pode fazer por seu semelhante é procurar modificá-lo. Você mesmo está empenhado nisso. Não está?

— Não estou, não. Não sei o que modificar nem por que modifiquei nada em meus semelhantes.

— E eu, Dom Juan? Não me estava ensinando para eu poder modificar-me?

— Não. Não estou tentando modificá-lo. Pode acontecer que um dia você se torne um homem de conhecimento, não há meio de se saber isso, mas tal fato não o modificará. Um dia talvez você consiga *ver* os homens de outro modo e então compreenderá que não há meto de modificar nada neles.

— Qual é esse outro modo de ver, Dom Juan?

— Os homens parecem diferentes quando você *vê*. O fuminho o ajudará a ver os homens como fibras de luz.

— Fibras de luz?

— Sim, Fibras, como teias de aranhas brancas. Fios muito finos que circulam da cabeça ao umbigo. Assim, o homem parece um ovo de fibras circundantes. E seus braços e pernas são como espinhos luminosos, espocando em todas as direções.

— É assim que todos aparecem?

— Todos. Além disso, todos os homens estão em contato com tudo o

mais, não por suas mãos, mas por meio de um punhado de fibras compridas que saem do centro de seu abdômen. Essas fibras ligam o homem a seu ambiente; mantêm seu equilíbrio; dão-lhe estabilidade. Assim, como algum dia você poderá *ver*, o homem é um ovo luminoso, quer ele seja mendigo ou rei, e não há jeito de modificar nada, ou melhor, o que poderia ser modificado naquele ovo luminoso? O quê?

Minha visita a Dom Juan iniciou um novo ciclo. Não tive dificuldade em voltar a meu antigo costume de apreciar o senso teatral dele, seu humor e paciência comigo. Sentia positivamente que tinha de visitá-lo com mais frequência. Deixar de ver Dom Juan era realmente uma grande perda para mim; além disso, eu tinha uma coisa de interesse especial que desejava debater com ele.

Depois que terminei o livro sobre seus ensinamentos, comecei a reexaminar as anotações de campo que não usara. Desprezei muitos dados porque dera maior ênfase aos estados de realidade não comum. Revendo minhas velhas anotações, cheguei à conclusão de que um feiticeiro hábil poderia provocar uma gama de percepções muito especializada em seu aprendiz, simplesmente "manipulando sugestões sociais". Todo o meu argumento a respeito desses processos de manipulação residia na suposição de ser necessário um líder para provocar a gama de percepções necessária. Como teste específico, tomei as reuniões de peiote dos feiticeiros. Aleguei que naquelas reuniões os feiticeiros chegavam a um acordo a respeito da natureza da realidade sem qualquer troca declarada de palavras ou sinais, e minha conclusão era que um código muito sofisticado era empregado pelos participantes para se chegar a tal acordo. Tinha construído um sistema complexo para explicar o código e o processo, de modo que voltei para procurar Dom Juan, para pedir sua opinião pessoal e conselhos a respeito do meu trabalho.

21 de maio de 1968

Nada de extraordinário aconteceu em minha viagem para visitar Dom Juan. A temperatura no deserto passou dos 38° e estava bem desagradável. De tardinha, o calor diminuiu e, quando cheguei à casa dele, no princípio da noite, havia uma brisa fresca. Eu não estava muito cansado, de modo que ficamos sentados no quarto dele, conversando. Sentia-me à vontade e tranqüilo, e conversamos durante horas. Não foi uma conversa que eu quisesse gravar: eu não estava realmente procurando encontrar muito sentido, nem descobrir muitos significados; conversamos sobre o tempo, as safras, o neto dele, os índios yaquis, o governo mexicano. Conteí a Dom Juan o quanto eu apreciava a sensação rara de conversar no escuro. Ele disse que essa declaração se casava bem com meu temperamento falador; que era fácil para mim gostar de conversar no escuro, pois falar era a única coisa que eu podia fazer nesse momento, enquanto estava ali sentado. Argumentei que era mais do que o simples ato de falar que eu apreciava. Disse que gostava do calor calmante da escuridão que nos envolvia. Perguntou-me o que eu fazia em casa quando estava escuro. Respondi que eu sempre acendia as luzes, ou então saía para as ruas iluminadas, até chegar a hora de ir dormir.

— Ah! — disse ele, com incredulidade. — Pensei que você tivesse aprendido a usar a escuridão.

— Para que se pode usá-la? — perguntei.

Ele disse que a escuridão, em suas palavras "a escuridão do dia", era o melhor momento para se "ver". Frisou a palavra "ver" com uma inflexão especial. Quis saber o que ele queria dizer com aquilo, mas ele respondeu que já era muito tarde para tratar disso.

22 de maio de 1968

Assim que acordei de manhã, e sem qualquer preliminar, disse a Dom Juan que tinha elaborado um sistema para explicar o que ocorrera numa reunião de peiote, um *mitote*. Peguei minhas anotações e li para ele o que eu tinha feito. Ouviu com paciência enquanto eu lutava para elucidar meu esquema.

Falei que acreditava ser necessário um líder disfarçado para sugerir coisas aos participantes, para eles poderem chegar a um acordo pertinente. Observei que as pessoas comparecem a um *mitote* para procurar a presença de Mescalito e suas lições sobre a maneira certa de viver; e que essas pessoas nunca trocam uma palavra nem um gesto entre si, e no entanto estão de acordo quanto à presença de Mescalito e sua lição específica. Pelo menos era isso que eles supostamente faziam nos *mitotes* a que eu compareci: concordavam que Mescalito lhes aparecera individualmente e lhes dera uma lição. Em minha experiência pessoal, descobri que a forma da visita individual de Mescalito e sua lição conseqüente eram impressionantemente homogêneas, embora variando em conteúdo de pessoa a pessoa. Eu não conseguia explicar essa homogeneidade a não ser como resultado de um sistema sutil e complexo de sugestões.

Levei quase duas horas para ler e explicar a Dom Juan o esquema que tinha construído. Terminei pedindo-lhe para me dizer em suas próprias palavras qual era o processo exato para se chegar a um acordo.

Quando terminei, Dom Juan franziu a cara. Pensei que ele devia ter achado minha explicação um desafio; parecia que ele estava meditando profundamente. Depois de um silêncio razoável, perguntei-lhe o que ele achava, de minha idéia.

Minha pergunta fez com que ele de repente começasse a rir a depois

gargalhar. Tentei rir também, e perguntei, nervoso, o que era tão engraçado.

— Você está maluco! — exclamou ele. — Por que alguém se ia dar ao trabalho de dar sugestões numa ocasião importante como um *mitote*? Você acha que a gente brinca com Mescalito?

Por um momento, pensei que ele estava despistando; não estava realmente respondendo à minha pergunta.

— Por que alguém haveria de dar sugestões? — perguntou Dom Juan, obstinado. — Você já esteve em *mitotes*. Devia saber que ninguém lhe disse como devia sentir-se, nem o que fazer; ninguém, a não ser o próprio Mescalito.

Insisti que essa explicação não era possível e tornei a pedir que ele me explicasse como se chegava ao acordo.

— Já sei por que motivo você veio — disse Dom Juan, num tom misterioso. — Não lhe posso ajudar porque não existe nenhum sistema de sugestões.

— Mas como é que todas aquelas pessoas podem estar de acordo quanto à presença de Mescalito?

— Elas estão de acordo porque *vêm* — respondeu ele, dramaticamente; e depois acrescentou, com displicência: — Por que você não comparece a outro *mitote* e *vê* por si?

Senti que aquilo era uma cilada. Não disse nada, e guardei minhas anotações. Ele não insistiu.

Pouco depois ele me pediu para levá-lo à casa de um amigo. Passamos lá a maior parte do dia. Numa conversa, o amigo dele, John, perguntou-me em que dera meu interesse pelo peiote. John é quem dera os botões de peiote para minha primeira experiência, havia quase oito anos. Não sabia o que

responder. Dom Juan ajudou-me, dizendo a John que eu estava indo bem.

Na volta para casa de Dom Juan, senti-me obrigado a comentar a pergunta de John e, entre outras coisas, disse que não tinha intenção de aprender mais nada sobre o peiote, pois aquilo exigia um tipo de coragem que eu não possuía; e que eu estava falando sério, quando disse que tinha desistido. Dom Juan sorriu e não disse nada. Continuei a falar até chegarmos à casa dele.

Ficamos sentados na clareira defronte da porta dele. Estava um dia quente e claro, mas havia uma brisa de fim de tarde que o tornava agradável.

— Por que tem de fazer tanta força? — disse Dom Juan de repente. — Há quantos anos você vem dizendo que não quer mais aprender?

— Três anos.

— Por que é tão veemente a respeito?

— Sinto que o estou traindo, Dom Juan. Acho que é por isso que estou sempre falando nisso.

— Você não me está traindo.

— Fracassei perante você. Fugi. Sinto que estou vencido.

— Você faz o que pode. Além disso, ainda não está vencido. O que tenho a lhe ensinar é muito difícil. Eu, por exemplo, talvez tenha tido ainda maior dificuldade do que você.

— Mas insistiu, Dom Juan. Meu caso é diferente. Desisti e vim procurá-lo não porque eu quisesse aprender, mas apenas porque queria que você esclarecesse um ponto em meu trabalho.

Dom Juan olhou para mim por um momento e depois desviou o olhar.

— Você devia deixar que o fumo tomasse a dirigi-lo — falou, vigorosamente.

— Não, Dom Juan, não posso mais usar seu fumo. Acho que estou

esgotado.

— Você nem começou ainda.

— Tenho muito medo.

— Então tem medo. Não há nada de novo em se ter medo. Não pense no seu medo. Pense nas maravilhas de se *ver!*

— Desejo sinceramente poder pensar nessas maravilhas, mas não consigo. Quando penso em seu fumo, sinto uma espécie de escuridão me envolvendo. É como se não houvesse mais pessoas no mundo, ninguém a quem recorrer. Seu fumo me mostrou o máximo em solidão, Dom Juan.

— Isso não é verdade. Olhe para mim, por exemplo. O fumo é meu aliado e eu não sinto essa solidão.

— Mas você é diferente; já venceu seu medo. Dom Juan me bateu de leve no ombro.

— Você não tem medo — disse ele baixinho. Em sua voz havia uma estranha acusação.

— Estarei mentindo sobre meu medo, Dom Juan?

— Não estou preocupado com mentiras — falou, com severidade, — Estou preocupado com outra coisa. O motivo pelo qual você não quer aprender não é porque tenha medo. É outra coisa.

Insisti muito para que me dissesse o que era. Implorei, mas ele não falou nada; limitava-se a sacudir a cabeça, como se não pudesse acreditar que eu não soubesse.

Falei que talvez fosse a inércia que me impedia de aprender. Ele quis saber o sentido da palavra "inércia". Eu a li para ele, do meu dicionário: "A tendência de a matéria permanecer em repouso se está em repouso, ou movendo-se na mesma direção, se está em movimento, a não ser que afetada por alguma força estranha."

— "A não ser que afetada por alguma força estranha" — repetiu. — Essa deve ser a melhor palavra que você podia encontrar. Já lhe disse, só um doido empreenderia a tarefa de se tornar homem de conhecimento por sua

própria vontade, Um homem sensato tem de ser levado a isso.

— Estou certo de que há dezenas de pessoas que de bom grado emprenderiam essa tarefa — disse eu.

— Sim, mas esses não contam. Geralmente são malucos. São como vasilhas que parecem boas por fora, mas que vazam no minuto em que são pressionadas, no minuto em que são enchidas de água.

— Tive de logr -lo para aprender uma vez, do mesmo jeito que meu benfeitor me enganou. Sen o, voc e não teria aprendido tudo o que aprendeu. Talvez esteja na hora de logr -lo outra vez.

O logro a que ele se referia fora um dos pontos mais críticos de meu aprendizado. Ocorrera anos atrás e, no entanto, em meu espírito estava tão vivido como se tivesse acabado de acontecer. Por meio de manipula es muito astuciosas, Dom Juan me for ara um dia a uma confronta o direta e aterradora com uma mulher considerada feiticeira. O choque resultou numa profunda animosidade da parte dela. Dom Juan explorou meu medo da mulher como motiva o para continuar com o aprendizado, alegando que eu tinha de aprender mais a respeito da feitiçaria a fim de proteger-me contra seus ataques mágicos. O resultados finais do "logro" dele foram tão convincentes que eu sentia sinceramente que não tinha outro recurso senão aprender o máximo possível, se quisesse continuar vivo.

— Se voc e está pretendendo apavorar-me de novo com aquela mulher, não volto mais — falei.

O riso de Dom Juan foi muito alegre.

— Não se preocupe — disse ele, tranq ilizando-me. — Os golpes do medo não funcionam mais. Voc e não tem mais medo. Mas, se for preciso, poderá ser logrado, onde estiver; não precisa estar aqui para isso.

P s o braço atrás da cabeça e deitou-se para dormir. Trabalhei em minhas anota es até ele acordar, umas duas horas depois; já estava quase

escuro. Observando que eu estava escrevendo, sentou-se e, sorrindo, perguntou se eu tinha resolvido meu problema, escrevendo.

23 de maio de 1968

Estávamos conversando sobre Oaxaca. Falei a Dom Juan que certa vez chegara à cidade num dia de feira livre, dia em que quantidades de índios de toda a região vão para a cidade para vender alimentos e toda sorte de bugigangas. Disse que interessei-me especialmente por um homem que vendia plantas medicinais. Ele tinha um estojo de madeira, em que guardava uma quantidade de pontinhos com plantas secas picadas, e ficava no meio da rua, com um potinho, entoando uma cantilena muito especial.

"Aqui tenho", dizia ele, "para pulgas, moscas, mosquitos e piolhos".

"Também para porcos, cavalos, bodes e vacas".

"Aqui tenho para todas as doenças do homem".

"Caxumba, sarampo, reumatismo e gota".

"Aqui trago para o coração, o fígado, o estômago e virilha".

"Aproximem-se, senhoras e senhores".

"Aqui tenho para pulgas, moscas, mosquitos e piolhos."

Eu ficara escutando por muito tempo. O método dele era enumerar uma longa lista de doenças do homem, para as quais ele dizia ter cura; o artifício que usava para dar ritmo a sua cantilena era parar depois de enumerar uma série de quatro.

Dom Juan disse que também ele vendia ervas na feira em Oaxaca, quando era jovem. Disse que ainda se lembrava de sua cantilena de venda, e repetiu-a para mim, aos gritos. Disse que ele e seu amigo Vicente é que faziam os preparados.

— Aqueles preparados eram bons mesmo — disse Dom Juan. — Meu amigo Vicente fazia ótimos extratos das plantas.

Contei a Bom Juan que uma vez, em uma de minhas viagens ao México, eu conhecera o amigo dele, Vicente. Dom Juan pareceu espantar-se e quis saber mais a respeito.

Eu estava passando por Durango, na ocasião, e lembrei-me de que Dom Juan uma vez me dissera para ir visitar o amigo dele que morava lá. Eu o procurei, encontrei-o e conversei um pouco com ele. Quando fui embora, deu-me um saquinho com umas plantas e uma série de instruções para replantar algumas.

Parei a caminho da cidade de *Águas Calientes*. Certifiquei-me de que não havia gente por perto. Durante pejo menos dez minutos, eu vinha vigiando a estrada e os arredores. Não havia nenhuma casa à vista, meu gado pastando à margem da estrada. Parei no topo de um morrinho; dali eu podia ver a estrada na frente e atrás. Estava deserta nas duas direções, até onde minha visão alcançava. Esperei alguns minutos, para orientar-me e lembrar-me das instruções de Dom Vicente. Peguei uma das plantas, caminhei para um campo de cactos no lado leste da estrada e plantei-a como Dom Vicente me ensinara. Tinha comigo uma garrafa de água mineral, com a qual pretendia aguar a planta. Tentei abri-la batendo na tampinha com o ferrinho que eu usara para cavar a terra, mas a garrafa explodiu e um caco de vidro feriu meu lábio superior, que começou a sangrar.

Voltei ao carro para pegar outra garrafa de água mineral. Quando eu a estava tirando da mala, um homem dirigindo uma camioneta VW parou e me perguntou se eu precisava de socorro. Respondi que estava tudo bem e ele foi embora. Fui aguar a planta e voltei para o carro. Quando eu estava a talvez uns 30 metros dele, ouvi vozes. Apressei-me pela encosta até à estrada e encontrei três mexicanas junto do carro, dois homens e uma mulher. Um dos homens estava sentado no pára-choque da frente. Tinha seus 30 e

muitos anos, era de estatura mediana e tinha cabelos pretos e crespos. Estava com uma trouxa nas costas e usava calças velhas e uma camisa cor-de-rosa desbotada e usada.. Os sapatos estavam desamarrados e talvez fossem grandes para ele; pareciam largos e incômodos. Ele estava suando muito.

O outro homem estava a uns seis metros do carro. Era miúdo e mais baixo do que o outro, e seu cabelo era liso e penteado para trás. Estava com um embrulhinho e era mais velho, talvez com cerca de cinqüenta anos. Sua roupa estava em melhor estado. Tinha um casaco azul-escuro, calças azul-claro e sapatos pretos. Não estava suando nada e parecia distante, desinteressado.

A mulher parecia estar na casa dos 40. Era gorda e muito morena. Trajava *capris* pretos, um suéter branco e sapatos pretos pontudos. Não portava nenhum embrulho, mas estava com um rádio portátil. Parecia muito cansada e seu rosto estava coberto de gotas de suor.

Quando me aproximei, o rapaz mais moço e a mulher me abordaram. Queriam condução. Respondi que não tinha lugar no carro, Mostrei-lhes que o assento traseiro estava totalmente lotado e que realmente não havia lugar algum. O homem sugeriu que, se eu dirigisse devagar, eles poderiam ir trepados no pára-choque traseiro, ou deitados no pára-lama dianteiro. Achei a idéia absurda. Mas havia uma tal urgência no pedido deles que fiquei triste e perturbado. Dei-lhes dinheiro para uma passagem de ônibus.

O rapaz mais moço pegou as notas e agradeceu-me, mas o mais velho deu as costas, com desprezo.

— Quero transporte — disse ele. — Não estou interessado em dinheiro. — Depois, ele se virou para mim. — Não nos pode dar comida ou água? — pediu.

Não tinha realmente nada para lhes dar. Ficaram olhando para mim por algum tempo e depois se afastaram.

Entrei no carro e tentei ligar o motor. O calor era muito intenso e o motor parecia estar afogado. O rapaz mais moço parou quando ouviu o motor de arranque girar e voltou, ficando atrás do carro, pronto para empurrá-lo. Tive uma apreensão imensa. Chegava a estar ofegante. O motor afinal pegou e eu parti rápido.

Depois que acabei de contar tudo isso, Dom Juan ficou pensativo durante muito tempo.

— Por que não me contou isso antes? — perguntou, sem olhar para mim.

Eu não sabia o que dizer. Dei de ombros e disse que não pensava que fosse importante.

— É um bocado importante! — disse ele. — Vicente é um feiticeiro de primeira categoria. Deu-lhe alguma coisa para plantar porque tinha lá seus motivos; e se você encontrou três pessoas que pareciam ter aparecido do nada logo depois que você a plantou, também havia um motivo para isso; mas só um tolo como você não ligaria para o incidente, pensando que não era importante.

Ele queria saber exatamente o que tinha acontecido quando visitei Dom Vicente.

Falei que estava circulando pela cidade e passei pela feira; então, tive a idéia de procurar Dom Vicente. Entrei na feira e fui para o setor das ervas medicinais. Havia três barracas seguidas, mas eram atendidas por três mulheres gordas. Fui até ao fim da rua e encontrei outra barraca depois da esquina. Ali vi um homem magro, miúdo, de cabelos brancos. No momento,

estava vendendo uma gaiola de passarinho a uma mulher.

Esperei por perto até ele ficar sozinho e depois perguntei-lhe se conhecia Dom Vicente Mediano. Ficou olhando para mim, sem responder.

— O que deseja com esse Vicente Medrano? — perguntou, afinal.

Respondi que tinha ido visitá-lo por um amigo dele, e dei o nome de Dom Juan. O velho olhou para mim um pouco e depois disse que era Vicente Medrano e que estava às minhas ordens. Convidou-me para sentar. Parecia satisfeito, muito tranqüilo e sinceramente simpático. Conte-lhe a respeito de minha amizade com Dom Juan. Senti que se estabeleceu um laço imediato de simpatia entre nós. Disse-me que conhecia Dom Juan desde que eram rapazes de seus vinte anos. Dom Vicente só tinha elogios para Dom Juan. No final de nossa conversa, ele disse, em tons vibrantes:

— Juan é um verdadeiro homem de conhecimento. Eu mesmo só tratei resumidamente dos poderes das plantas. Sempre me interessei por suas propriedades curativas; cheguei a colecionar livros de botânica, que vendi há pouco tempo.

Ficou calado por um momento, esfregou o queixo umas vezes. Parecia estar procurando a palavra certa.

— Pode-se dizer que eu só sou um homem de conhecimento lírico — disse ele. — Não sou como Juan, meu irmão índio.

Dom Vicente tornou a calar-se por um momento. Seus olhos estavam vidrados e ele olhava para o chão, do meu lado esquerdo. Depois, virou-se para mim e disse, quase num sussurro:

— Oh, como voa alto o meu irmão índio!

Dom Vicente levantou-se. Parecia que nossa conversa terminara.

Se alguma outra pessoa tivesse dito alguma coisa a respeito de um irmão índio, eu teria achado que era um chavão barato. Mas o tom de voz de Dom Vicente era tão sincero e seus olhos tão límpidos que ele me cativou com a imagem de seu irmão índio voando tão alto. É acreditei que ele queria mesmo dizer aquilo.

— Conhecimento lírico, uma conversa! — exclamou Dom Juan, depois que contei a história toda. — Vicente é um *brujo*. Por que você o procurou?

Lembrei-lhe de que ele mesmo é quem me pedira para visitar Dom Vicente.

— Isso é um absurdo! — exclamou, teatralmente. — Falei que um dia, quando você aprendesse a *ver*, devia ir visitar meu amigo Vicente; foi isso o que eu disse. Parece que você não estava prestando atenção.

Argumentei que não podia haver mal em eu ter conhecido Dom Vicente, que fiquei encantado com as maneiras e a gentileza dele.

Dom Juan sacudia a cabeça de um lado para outro e, num tom meio zombeteiro, exprimiu seu espanto diante do que ele chamava "minha sorte incrível". Disse que eu ir visitar Dom Vicente era o mesmo que entrar num covil de leões armado com um galho seco. Dom Juan parecia estar agitado, e no entanto eu não via motivo algum para a sua preocupação. Dom Vicente era um belo homem. Parecia tão frágil; seus olhos, estranhamente impressionantes, faziam-no parecer quase etéreo. Perguntei a Dom Juan como é que uma pessoa assim tão bela podia ser perigosa.

— Você é um raio de um idiota — disse ele e, por um momento, fez uma cara severa. — Ele em si não lhe causará mal algum. Mas conhecer é poder, e uma vez que um homem enverede pelo caminho do conhecimento, não é

mais responsável pelo que possa acontecer com aqueles que entram em contato com ele. Devia ter ido visitá-lo quando soubesse o suficiente para se defender; não dele, mas do poder que ele subjugou e que, aliás, não é dele nem de ninguém. Ao saber que você era meu amigo, Vicente supôs que você soubesse se proteger e depois lhe deu um presente. Parece que deve ter gostado de você e deve ter-lhe dado um grande presente, e você o jogou fora. Que pena!

24 de maio de 1968

Passei o dia apoquentando Dom Juan para me contar a respeito do presente de Dom Vicente. Mostrei-lhe de várias maneiras que ele tinha de levar em conta as nossas diferenças; disse-lhe que o que era explicável em si para ele podia ser totalmente incompreensível para mim.

— Quantas plantas ele lhe deu? — perguntou, por fim. Respondi que eram quatro, mas, na verdade, não me lembrava.

Em seguida, Dom Juan quis saber exatamente o que tinha acontecido depois que deixei Dom Vicente e antes de parar à margem da estrada. Mas também não consegui lembrar-me disso.

— O número de plantas é importante e a ordem dos acontecimentos também — disse ele. — Como poderei dizer-lhe qual foi o presente dele, se você não se lembra do que aconteceu?

Tentei, sem êxito, visualizar a seqüência de acontecimentos.

— Se você se lembrasse de tudo o que aconteceu — disse ele — eu poderia ao menos dizer-lhe como é que jogou fora seu presente.

Dom Juan parecia estar muito perturbado. Insistiu impacientemente

comigo para eu me lembrar, mas minha memória era um branco quase total.

— O que acha que eu fiz de errado, Dom Juan? — perguntei, só para continuar a conversa.

— Tudo.

— Mas eu segui à risca as instruções de Dom Vicente.

— E daí? Não entende que não tinha significado, seguir as instruções dele?

— Por quê?

— Porque essas instruções foram dadas para alguém que sabia ver, não para um idiota que se saiu com vida por pura sorte. Foi procurar Vicente sem preparo. Gostou de você e lhe deu um presente. E este podia facilmente ter-lhe custado a vida.

— Mas por que ele me deu uma coisa tão séria? Se é feiticeiro, devia saber que eu não sei nada.

— Não, ele não podia ter *visto* isso. Você parece que sabe, mas, na verdade, não sabe muita coisa.

Falei que estava sinceramente convencido de que nunca deturpara a verdade em relação a mim, pelo menos não conscientemente.

— Não quis dizer isso. Se você se estivesse metendo a importante, Vicente poderia ter visto o que era. Isso é algo pior do que aparentar o que não é. Quando *vejo*, você me aparece como se soubesse muita coisa e, no entanto, eu mesmo sei que você não sabe.

— O que é que eu pareço saber, Dom Juan?

— Segredos do poder, é claro; o conhecimento de um *brujo*. De modo que quando Vicente o *viu*, ele lhe deu um presente, e você agiu com ele como um cão age com a comida quando está de barriga cheia. Um cão urina na comida quando não quer mais comer, para outros cães não comerem. Você fez o mesmo com o presente. Agora nunca saberemos o que realmente aconteceu. Perdeu uma grande coisa. Que desperdício!

Calou-se um pouco; depois deu de ombros e sorriu.

— Não adianta reclamar — disse ele — e, no entanto, é difícil deixar de fazê-lo. Os presentes de poder acontecem tão raramente na vida da gente; são raros e preciosos. Veja-me a mim, por exemplo; nunca ninguém me deu tal presente. Há muito poucas pessoas, que eu saiba, que já receberam um desses. Desperdiçar uma coisa tão rara me parece uma pena.

— Entendo o que você diz — falei. — Há alguma coisa que eu possa fazer agora para recuperar o presente?

Ele riu e repetiu várias vezes: "Para recuperar o presente".

— Soa bem — disse ele. — Gosto disso, E no entanto, não há nada que se possa fazer para recuperar seu presente.

25 de maio de 1968

Hoje, Dom Juan passou quase o dia todo mostrando-me como montar pequenas armadilhas para animaizinhos. Passamos a manhã quase toda cortando e limpando galhinhos. Eu estava com muitas perguntas na cabeça. Tentei falhar-lhe enquanto trabalhávamos, mas ele brincou e disse que, de nós dois, eu era o único que podia mexer com as mãos e a boca ao mesmo tempo. Afinal, sentamo-nos para descansar e eu fiz uma pergunta.

— Como é que a gente *vê* , Dom Juan?

— Você tem de aprender a *ver* para saber isso. Não lhe posso dizer.

— É um segredo que não posso saber?

— Não. E só que não posso descrevê-lo.

— Por quê?

— Não faria sentido para você.

— Experimente, Dom Juan, Talvez faça sentido para mim.

— Não, Tem de fazê-lo por si. Uma vez que você aprenda, poderá *ver*

cada coisa no mundo de maneira diferente.

— Então, Dom Juan, não vê mais o mundo da maneira normal,

— Vejo dos dois jeitos. Quando quero olhar para o mundo, vejo-o da maneira que você vê. Depois, quando desejo vê-lo, olho para ele do jeito que eu sei e percebo-o de maneira diferente.

— As coisas são sempre as mesmas, cada vez que você as *vê*?

— As coisas não mudam. A gente é que muda a maneira de olhar, só isso.

— Quero dizer, Dom Juan, que se você *vê*, por exemplo, a mesma árvore, ela fica a mesma cada vez que a *vê*?

— Não. Ela muda e, no entanto, é a mesma.

— Mas se a mesma árvore muda cada vez que a *vê*, a sua *visão* pode ser apenas uma ilusão.

Ele riu e não respondeu por algum tempo, e parecia estar pensando. Por fim, falou:

— Sempre que você olha para as coisas, não as *vê*. Apenas olha para elas, suponho que para se certificar de que há alguma coisa ali. Como não está preocupado em *ver*, as coisas parecem as mesmas cada vez que olha para elas. Mas quando aprende a *ver*, por outro lado, uma coisa nunca é a mesma cada vez que você a *vê*, e no entanto é a mesma. Já lhe disse, por exemplo, que o homem é como um ovo. Cada vez que *veio* o mesmo homem, eu *vejo* um ovo, e no entanto não é o mesmo ovo.

— Mas você não poderá reconhecer nada, pois nada é igual; então qual a vantagem de aprender a *ver*?

— Pode distinguir as coisas. Pode ver como realmente são. — Não vejo as coisas como realmente são?

— Não. Seus olhos só aprenderam a olhar. Por exemplo, veja as três pessoas que você encontrou, os três mexicanos. Descreveu-os detalhadamente, e me disse até que roupas estavam usando. E isso só me provou que você não os *viu*, em absoluto. Se fosse capaz de ver, teria sabido logo que não eram pessoas.

- Não eram pessoas? O que eram, então?
- Não eram pessoas, só isso.
- Mas isso é impossível. Eram tal e qual você e eu.
- Não eram, não. Tenho certeza.

Perguntei se eram fantasmas, espíritos, ou almas de mortos. Respondeu, que não sabia o que fossem fantasmas, espíritos nem almas.

Traduzi para ele a definição que dava o dicionário *Webster* para fantasma: "O espírito supostamente desencorpado de uma pessoa morta, concebido como aparecendo aos vivos como uma visão pálida, como sombra." E depois a definição de espírito: "Um ser sobrenatural, especialmente aquele considerado... como um fantasma, ou como habitando certa região, sendo de certo caráter (bom ou mau)."

Ele disse que talvez pudessem ser considerados espíritos, embora a descrição que dei não fosse propriamente adequada para descrevê-los.

- São guardas de algum tipo? — perguntei.
- Não. Não guardam nada.
- São supervisores? Estão-nos vigiando?
- São forças, nem boas nem más, apenas forças que um *brujo* aprende a conjurar.
- São os aliados, Dom Juan?
- Sim, são os aliados de um homem de conhecimento.

Era a primeira vez, nos oito anos de nossas relações, que *Dom Juan* chegara perto de definir o que era um "aliado". Devo ter-lhe pedido para fazê-lo dúzias de vezes. Geralmente desprezava minha pergunta, dizendo que eu sabia o que era um aliado e que era besteira falar o que eu já sabia. A declaração direta de Dom Juan a respeito da natureza de um aliado era uma novidade, e senti-me levado a sondá-lo.

— Falou-me que os aliados se encontravam nas plantas — disse eu — no estramônio e nos cogumelos.

— Nunca lhe disse isso — retrucou ele, com muita convicção.

— Você sempre tira suas próprias conclusões.

— Mas escrevi isso em minhas anotações, Dom Juan.

— Pode escrever o que quiser, mas não me venha dizer que eu falei isso.

Lembrei-lhe que, a princípio, ele me contara que o aliado do benfeitor dele era o estramônio e o seu próprio o fuminho; e que mais tarde ele esclarecera a questão, dizendo que o aliado era contido em cada planta.

— Não. Isso não está correto — disse ele, franzindo a testa.

— Meu aliado é o fuminho, mas isso não quer dizer que meu aliado esteja na mistura do fumo, ou nos cogumelos, ou no meu cachimbo. Todos estes têm de ser reunidos para me levar ao aliado, e esse aliado eu chamo de fuminho por motivos meus, próprios.

Dom Juan disse que as três pessoas que eu tinha visto, que ele chamava "aqueles que não são pessoas" — *los que no son gente* — eram na verdade aliados de Dom Vicente.

Lembrei-lhe que ele afirmara que a diferença entre um aliado e Mescalito era que um aliado não podia ser visto, enquanto que Mescalito era facilmente visível.

Nesse ponto, entramos numa longa discussão. Ele falou que tinha dito que um aliado não podia ser visto porque o aliado adotava qualquer forma. Quando observei que certa vez ele também dissera que Mescalito adotava qualquer forma, Dom Juan mudou de assunto, dizendo que a "visão" a que ele se referia não era o "olhar para as coisas" normal, e que a minha confusão provinha de minha insistência em falar.

Horas depois, ele mesmo retomou o assunto dos aliados. Senti que ele

estava meio aborrecido com as minhas perguntas, de modo que não tinha insistido mais. No momento, estava-me ensinando a fazer uma armadilha para coelhos; eu tinha de segurar um pau comprido e dobrá-lo o mais possível para ele poder amarrar um cordão nas beiradas. O pau era bem fino, mas assim mesmo era preciso bastante força para dobrá-lo. Minha cabeça e meus braços estavam tremendo com o esforço e eu estava quase exausto quando ele afinal amarrou o cordão.

Nós nos sentamos e ele começou a falar. Disse que era óbvio para ele que eu não poderia entender nada a não ser que falasse a respeito, e que não se importava com minhas perguntas e ia contar-me sobre os aliados.

— O aliado não está no fumo — disse ele. — O fumo leva você para onde está o aliado, e quando você se torna um com o aliado, nunca mais precisa fumar. Daí em diante pode chamar seu aliado à vontade e fazê-lo fazer o que você quiser. Os aliados não são nem bons nem maus, mas são utilizados pelos feiticeiros para qualquer fim que eles queiram. Gosto do fuminho como aliado porque ele não exige muito de mim. E constante e justo.

— Como é que um aliado lhe aparece, Dom Juan? Aquelas três pessoas que eu vi, por exemplo, que se assemelhavam a pessoas comuns, como é que lhe pareceriam?

— Pareceriam pessoas comuns.

— Então, como pode distingui-los das pessoas reais?

— As pessoas reais parecem ovos luminosos quando você as vê. As não-pessoas sempre parecem pessoas. É isso que eu quis dizer quando disse que a gente não pode ver um aliado. Os aliados assumem formas diferentes. Parecem cães, coiotes, pássaros, até o amaranto, ou qualquer outra coisa. A única diferença é que quando você os *vê*, eles continuam a parecer exatamente o que fingem ser. Tudo tem o seu jeito de ser quando você *vê*. Assim como os homens parecem ovos, outras coisas parecem outras coisas, mas os aliados só podem ser vistos na forma que aparentam. Essa forma serve para tapear a vista; isto é, a nossa vista. Um cão nunca é tapeado, nem um corvo.

— Por que eles haviam de querer tapear-nos?

— Creio que nós é que somos os palhaços. Nós nos tapeamos. Os aliados apenas tomam a aparência exterior do que estiver por perto e então pensamos que eles são o que não são. Não é culpa deles que tenhamos ensinado a nossos olhos a só olhar para as coisas.

— Não sei bem a função deles, Dom Juan. O que é que os aliados fazem no inundo?

— Isso é o mesmo que me perguntar o que é que nós homens fazemos no mundo. Não sei mesmo. Estamos aqui, é tudo, E os aliados estão aqui, como nós; e talvez estivessem aqui antes de nós.

— Como antes de nós, Dom Juan?

— Nós homens nem sempre estivemos aqui.

— Quer dizer, neste país, ou aqui no mundo? Começamos outra longa discussão nesse ponto. Dom Juan disse que para ele só havia um mundo, o lugar onde ele punha os pés. Perguntei-lhe como sabia que nem sempre estivemos no mundo.

— Muito simples — disse ele. — Nós homens conhecemos muito pouco acerca do mundo. Um coiole sabe muito mais do que nós. Um coiole quase nunca se ilude com as aparências do mundo.

— E como é que os pegamos e matamos? — perguntei. — Se não se enganam com as aparências, como é que morrem com tanta facilidade?

Dom Juan ficou olhando fixo para mim até que fiquei encabulado.

— Podemos apanhar ou envenenar ou atirar num coiole — falou.

— Seja qual for o meio que usemos, o coiole é presa fácil para nós porque não conhece as maquinações humanas. Se o coiole sobrevivesse, porém, pode estar certo de que nunca mais o apanharíamos. Um bom caçador sabe disso e nunca arma a armadilha duas vezes no mesmo lugar, pois, se o coiole morrer numa armadilha, todos os outros *vêem* a morte dele, que perdura, e assim fugirão da armadilha e até da própria região em que foi preparada. Nós, por outro lado, nunca *vemos* a morte, que perdura no local em que morreu um de nossos semelhantes; podemos suspeitar, mas nunca

a vemos.

— O coioote pode *ver* o aliado? — Por certo.

— Como é que o aliado parece ao coioote?

— Eu teria de ser coioote para saber isso. Mas posso dizer-lhe que, para um corvo, ele parece um chapéu pontudo. Redondo e largo embaixo, terminando numa ponta comprida. Alguns brilham; outros, a maioria, são opacos e parecem muito pesados. Lembram um pano ensopado. São formas sinistras.

— Que aspecto têm para você quando os *vê*, Dom Juan?

— Já lhe disse; têm o aspecto daquilo que estejam fingindo ser. Tomam qualquer forma ou tamanho que lhes convenha. Podem ter a forma de uma pedrinha, ou de uma montanha.

— Eles falam, riem, ou fazem algum barulho?

— Em companhia dos homens, comportam-se como homens. Na companhia de animais, comportam-se como animais. Os animais geralmente têm medo deles; mas se estiverem habituados a ver os aliados, não os importunam. Nós mesmos fazemos coisa semelhante, Temos centenas de aliados entre nós, mas não os importunamos. Como os nossos olhos só podem olhar para as coisas, nem reparamos neles.

— Quer dizer que algumas das pessoas que vejo na rua não são pessoas, realmente? — perguntei, intrigado.

— Algumas não são — respondeu, enfaticamente.

Essa afirmação me pareceu absurda e, no entanto, eu não podia pensar seriamente que Dom Juan dissesse uma coisa dessas só para fazer sensação. Falei que aquilo parecia conto de ficção científica sobre seres de outro planeta. Ele argumentou que não se importava com o que parecesse, mas que algumas das pessoas, nas ruas não eram pessoas.

— Por que você há de pensar que todas as pessoas numa multidão em movimento são seres humanos? — perguntou, com o ar mais sério do mundo.

Eu não sabia realmente explicar por quê, a não ser que estava acostumado a acreditar nisso como um ato de fé de minha parte.

Continuou a falar, dizendo que gostava muito de ficar olhando em lugares movimentados, com muita gente, e que, às vezes, *via* um bando de homens que pareciam ovos, e entre a massa de criaturas como ovos descobria uma que parecia exatamente uma pessoa.

— É muito agradável fazer isso — disse ele, rindo — ou pelo menos é agradável para mim. Gosto de ficar sentado nos jardins e estações rodoviárias, olhando. Às vezes, vejo logo um aliado; outras vezes só vejo pessoas de verdade. Uma vez vi dois aliados sentados num ônibus, lado a lado. Foi a única vez em minha vida que vi dois juntos.

— Teve um significado especial para você ver dois deles?

— Por certo. Tudo o que fazem tem um significado. Dos atos deles, às vezes, um *brujo* pode extrair seu poder. Mesmo que um *brujo* não tenha um aliado próprio, conquanto que saiba *ver*, pode manejar o poder observando os atos dos aliados. Meu benfeitor me ensinou a fazer isso e, durante anos, antes de ter meu aliado, eu procurava os aliados no meio do povo e cada vez que eu via um ele me ensinava alguma coisa. Encontrou três juntos. Que lição magnífica você desperdiçou.

Ele não disse mais nada, até terminarmos de montar a armadilha de coelho. Depois, virou-se para mim e falou de repente, como se acabasse de se lembrar, que outra coisa importante nos aliados é que, se a gente encontrasse dois deles, eram sempre dois da mesma espécie. Os dois aliados que ele viu eram dois homens, disse ele; e como eu havia visto dois homens e uma mulher, ele deduzia que minha experiência era mais rara ainda.

Perguntei se os aliados podiam apresentar-se como crianças; se as crianças podiam ser de sexos diferentes, ou do mesmo; se os aliados se apresentavam como pessoas de raças diferentes; se podiam aparecer como uma família composta de um homem, uma mulher e uma criança; e por fim

Apoiamos os direitos autorais.
As páginas desta obra que estás a ler em formato digital, são apenas um excerto para efeitos de divulgação de informação e conhecimentos que consideramos importantes estarem acessíveis ao maior número de pessoas, pois sem Conhecimento, Educação e Sabedoria não existe evolução das sociedades.

Se estás a gostar deste livro, por favor apoia o seu criador e as entidades que apoiam a sua distribuição, adquirindo uma versão original.



umanovatterra.pt